



O CORPO VELHO NA DANÇA COMO ATO DE RESISTÊNCIA: “EU DANÇO RETUMBÃO PARA LOUVAR O SANTO PRETO”

THE OLD BODY IN DANCE AS AN ACT OF RESISTANCE: “I DANCE RETUMBÃO TO PRAISE THE BLACK SAINT”

EL CUERPO VIEJO EN LA DANZA COMO ACTO DE RESISTENCIA: “BAILO EL RETORNO PARA ALABAR AL SANTO NEGRO”

DOI: 10.5281/zenodo.22216511



Hildeana Nogueira Dias Souza¹

RESUMO

O presente trabalho é um recorte da pesquisa de mestrado sobre a Marujada de Bragança. Trata-se de uma manifestação cultural e religiosa, da Festa de São Benedito. O estudo foi realizado no município de Bragança, nordeste paraense, com pessoas idosas da Irmandade de São Benedito, destacando a questão do corpo velho na dança do Retumbão. Os dados foram coletados em meio à pandemia ocasionada pela COVID-19, com a participação de 12 sujeitos interlocutores, na faixa etária de 60 a 84 anos. A pesquisa objetivou investigar e resgatar nas memórias de pessoas velhas, a importância da dança do retumbão. O estudo é de abordagem qualitativa. As técnicas utilizadas foram de levantamento bibliográfico, observação direta e entrevistas baseadas na história oral como técnica de produção de dados. Buscou-se compreender sobre as vertentes do corpo velho na dança e, consequentemente, perceber a importância dessa atividade para a melhor qualidade de vida na velhice.

Palavras-chave: Retumbão. Dança. Corpo velho. Marujada.

1 Possui graduação em Licenciatura Plena em Educação Física pela Universidade Federal do Pará - UFPA (2004). Especialista em Pedagogia da Dança pela FIBRA(2006), Especialista em Gerontologia pela FACINTER (2006), Mestrado pelo Programa de Pós-Graduação de Estudos Antrópicos da Amazônia - PPGEEA/UFPA (2022), Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia - PPGSA/UFPA(2023), Titulada pela Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia SBGG (2008). Ativista dos Direitos Humanos da Pessoa Idosa, membro do movimento Velhices Cidadãs, membro do movimento Vidas Idosas Importam. Tem interesse na área do envelhecimento humano, corpo velho nas manifestações culturais da Amazônia, mulheres negras e velhas na cultura popular. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9151-6341>.

Revista *OWL Journal*, Campina Grande - PB, v. 4 n. 8 (2026) - ISSN 2965-2634

A Revista *OWL Journal* está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição (CC BY)





ABSTRACT

The present work is an excerpt from a master's course research on the Marujada of Bragança. It is a cultural and religious manifestation related to the Feast of Saint Benedict. The study was conducted in the municipality of Bragança, northeastern Pará, with elderly members of the Brotherhood of Saint Benedict, highlighting the issue of the elderly body in the dance of Retumbão. Data was collected during the pandemic caused by COVID-19, with the participation of 12 interviewees aged between 60 and 84 years. The research aimed to investigate and retrieve from the memories of elderly people the importance of the Retumbão dance. The study has a qualitative approach. The techniques used were bibliographic research, direct observation, and interviews based on oral history as a data production technique. The goal was to understand the aspects of the body of old people in dance and consequently, to perceive the importance of this activity for a better quality of life in old age.

Keywords: Retumbão. Dance. Old body. Marujada.

RESUMEN

El presente trabajo es un extracto de investigación de maestría sobre la Marujada de Braganza. Se trata de una manifestación cultural y religiosa de la Fiesta de San Benito. El estudio se realizó en el municipio de Braganza, noreste de Pará, con personas mayores de la Hermandad de San Benito, destacando la cuestión del cuerpo viejo en la danza del Retumbão. Los datos fueron recolectados, en medio de la pandemia ocasionada por la COVID-19, con la participación de 12 sujetos interlocutores, en el rango de edad de 60 a 84 años. La investigación tuvo como objetivo investigar y rescatar en las memorias de las personas mayores la importancia de la danza del Retumbão. El estudio es de enfoque cualitativo. Las técnicas utilizadas fueron revisión bibliográfica, observación directa y entrevistas basadas en la historia oral como técnica de producción de datos. Se buscó comprender las vertientes del cuerpo viejo en la danza y, consecuentemente, percibir la importancia de esta actividad para una mejor calidad de vida en la vejez.

Palabras clave: Retumbón. Danza. Cuerpo viejo. Marujada.

INTRODUÇÃO

A Marujada de São Benedito, na cidade paraense de Bragança, é uma manifestação folclórica típica da região. Porém, a Marujada não é só de Bragança, ela alcança outras cidades e localidades do Pará. É uma prática visualmente de pessoas velhas, no entanto a visibilidade maior é de adultos que caminham para velhice. É considerada uma manifestação muito antiga e de tradição, datando sua organização bicentenária, mais precisamente 227 anos, no decorrente ano.





Sendo uma manifestação tipicamente realizada no nordeste paraense, também possui uma forte influência da natureza local, quando se espraia na geografia do município de Bragança, em regiões distintas como as praias, os campos e as colônias (SARQUIS, 2018, p. 32-33). Importa destacar que:

A Marujada de Bragança em nada se assemelha ao auto marítimo existente em todo o Brasil com o nome de “chegança de marujos”, “Barca”; “Fandangos” etc., ela é uma manifestação folclórica tipicamente bragantina. Constitui uma organização profana à parte da Irmandade de São Benedito, amparada pelos atuais Estatutos. (SILVA, 1981, p. 66).

É considerada uma manifestação feminina que se constitui em grande parte por mulheres marujas, cabendo a elas a organização. Na Marujada, existe uma hierarquia, que demarca significativamente os espaços entre homens e mulheres, enaltecendo a figura feminina da maruja como a mais importante em todos os eventos da Festividade, embora a gestão da Irmandade sempre tenha sido masculina. É constituída pelo caráter cultural de um povo por meio de sua devoção, a partir da Irmandade de São Benedito, através da dança e dos seus ritmos musicais. Além disso,

O ritual da Marujada pode ser entendido, grosso modo, como a comemoração dramática do milagre da salvação, embora encontre outros simbolismos presentes na sua dramatização: a possibilidade da construção de um espaço próprio; uma maneira de julgar-se importante, reconhecendo-se e sendo reconhecida na cidade local; uma forma de negociação com a realidade; sobretudo, a legitimação das condições objetivas de suas realidades (SILVA, 1997, p. 201).

A construção da narrativa desta pesquisa fundamenta-se no diálogo estabelecido com os sujeitos entrevistados, cujas experiências, memórias e interpretações constituem elementos centrais para a compreensão das vivências das pessoas idosas na Marujada de São Benedito. Nesse sentido, as falas dos interlocutores não são utilizadas apenas como ilustrações das reflexões desenvolvidas, mas como parte constitutiva da própria produção do conhecimento. Ao serem incorporadas ao texto analítico, essas narrativas permitem que diferentes





perspectivas e experiências sejam apresentadas, conferindo visibilidade às vozes daqueles que vivenciam e constroem cotidianamente a tradição.

Como recurso de organização da escrita e de valorização da narrativa dos participantes, as falas dos entrevistados são apresentadas em destaque, com fonte em tamanho 10 e recuo à direita, diferenciando-as visualmente do texto autoral. Essa opção gráfica busca estabelecer uma distinção entre a interpretação da pesquisadora e a voz dos interlocutores, sem, contudo, produzir uma separação rígida entre ambas. Ao contrário, pretende-se evidenciar que a análise é construída a partir de uma relação dialógica, na qual as experiências narradas pelos participantes são colocadas em interlocução com as categorias teóricas e com as interpretações desenvolvidas ao longo da pesquisa.

Esse procedimento assume particular relevância quando se trata de pessoas idosas integrantes da Marujada de São Benedito, uma vez que suas narrativas carregam experiências acumuladas ao longo de diferentes temporalidades e constituem importantes registros de memória, saberes, práticas religiosas e formas de participação na tradição. Dar lugar a essas vozes significa reconhecer os interlocutores como sujeitos produtores de conhecimento e não apenas como fontes de informação. Assim, o texto procura preservar a dimensão experiencial de suas narrativas, permitindo que suas formas de compreender a Marujada participem efetivamente da construção da análise.

Nesse processo de aproximação entre pesquisadores, interlocutores e leitores, as questões éticas assumem papel fundamental. A pesquisa com pessoas envolve responsabilidades que ultrapassam a obtenção e o registro das informações, exigindo atenção à dignidade, à privacidade, à autonomia e aos direitos daqueles que colaboram com a investigação. Considerando essa dimensão, optou-se pela utilização de nome fictício/pseudônimo para representar aquilo que foi coletado nas entrevistas dos marujos e das marujas entrevistadas. Tal procedimento constitui uma estratégia de proteção da identidade dos participantes e busca assegurar que suas narrativas sejam incorporadas à pesquisa sem expô-los a situações que possam comprometer sua privacidade ou bem-estar.





A Marujada é caracterizada por danças, cuja representação principal é o Retumbão, dança de ascendência negra com o compasso musical rítmico do lundum². O Retumbão tem origem comum à fundação da Irmandade de Bragança em 1798. Sobre esta dança, abordaremos a seguir com mais detalhe, porém, cabe aqui trazer sua definição a partir da fala de um velho marujo como podemos ver,

[...] o Retumbão ele é uma dança bem típica, onde o capitão e o Vice-Capitão eles iniciam a dança e vão até a capitoa e Vice-Capitoa e convidam para vir ao salão para dançar, então por isso que eu digo que o Retumbão é uma coisa muito original da Marujada, nós temos esse cuidado, essa preocupação de manter essa dança que é africana, um que foi originada pelos escravos e hoje, nós estamos dando continuidade uma dança africana, que por sinal muito bem dançada pelos nossos marujos e marujas, né. Nós temos o cuidado deles não se exceder, não pular, a dança é aquela que marujos e as marujas arrastam o pé no salão. Essa é a originalidade da tradição, da marujada. [...] (MARUJO “O CHAMADO, 68 anos).

As danças executadas por marujos³ e marujas⁴ são a grande e uma das mais esperadas manifestações dos rituais. Dançar, para as marujas (os), pode ser também agradecimento por graças alcançadas, devoção ao santo preto ou simplesmente o prazer que o ritmo alegre traz. Como é possível observar nas falas,

[...] eu gosto de ver funcionar como eu conheci eu gosto da tradição mesmo, eu gosto de raízes da Marujada, porque a pessoa te respeita ali dentro além de profano, tem o divino ali dentro é uma coisa espiritual a Marujada, apesar de ser uma coisa que é profana a dança, mas existe a espiritualidade, ali naquela dança nós estamos homenageando de São Benedito e estamos dançando também para o menino Jesus, para Deus. (MARUJO TRADIÇÃO, 65 anos).

Sobre esta fala é importante lembrar que marujas e marujos entendem que dançar é uma forma de louvar ao santo preto, o menino Jesus e Deus. Para as velhas (os) da Irmandade, é comum em suas falas fazer essa distinção do que é “sagrado” do “profano”. Para alguns

2 Ver a Obra Lundu – Canto e Dança do Negro no Pará, de Vicente Salles, com sua maestria, que convida a todos para conhecer minuciosamente a manifestação cultural que muito contribuiu para imprimir a presença do negro na história do Pará, da Amazônica e do Brasil. Ed. 2016.

3 Gênero masculino que identifica o dançarino da marujada e devoto de São Benedito.

4 Gênero feminino que identifica a dançarina da marujada e devota de São Benedito.



estudiosos da Marujada, tudo é sagrado, já que se dança para louvar o santo. Ou seja, tudo o que está na programação, seja ela religiosa, como as missas, ladainhas, novenas e esmolação, é considerado sagrado, assim como os rituais da parte cultural da festa, como as apresentações das danças, almoços, leilões, entre outros que são considerados profanos.

1. A dança do Retumbão na festa de São Benedito

O termo Retumbão, de origem portuguesa, surge pelo fato de que era possível escutar o ritmo de locais distantes, onde o som retumbava. A orquestra para entoar a dança, pois não há canto, compõe-se de: Tambor de São Benedito, pandeiro, reco-reco e o tambor onça. Silva (1997) revela-nos que originariamente, pelos negros de Bragança, a dança da Roda e do Retumbão são consideradas as mais importantes e legítimas formas que representam a base da Marujada.

Algumas coreografias das danças da Marujada, são ritualizadas, solenes, dançadas de uma maneira muito séria, rostos cerrados expressando um sorriso extremamente discreto, quase imperceptível aos olhos de quem assiste. Não há sofrimento, mas podemos arriscar em dizer que há um ritual místico e litúrgico, que se mistura com um respeito pelo ritual no momento. A dança do Retumbão é uma dessas danças. Naquele momento, muitos vêm pagar as promessas feitas ao santo, através da dança.

O Retumbão é considerado a dança mais importante e a mais tradicional da Marujada, tanto para alguns estudiosos que estudam a marujada, quanto para marujas e marujos. Há este reconhecimento. Dentro do ritual das danças, o Retumbão é a segunda dança a ser apresentada na sequência organizada das apresentações da Marujada. Interessante destacar que no Retumbão é o Marujo, portanto a figura masculina, que inicia e encerra a dança, diferentemente da dança Roda, que é dançada apenas por mulheres. A dança do Retumbão é dançada por dois casais, representados pelo Capitão⁵ e Vice-Capitão⁶ da Marujada e que na

5 Gênero masculino do membro da marujada que acompanha a capitoa nos rituais.

6 Gênero masculino do membro da marujada que acompanha a Vice-capitoa.





oportunidade tiram a Capitoa⁷ e Vice-Capitoa⁸ respectivamente para dançar. A elegância com que os casais de maior hierarquia volteiam pelo salão do museu expressa concentração, rostos com uma expressão de seriedade e um leve sorriso que chega a ser contido, sempre com a postura donairosa e sem “molejo no quadril”, fascinando e prendendo a atenção da plateia que assiste. Podemos dizer que chega a ser um ritual cheio de misticismo.

A afirmação deixa para nós a convicção de que,

[...] o nosso Retumbão é menos cheio desses requebros excitantes, predominando sobre isso, a preocupação dos passos coreográficos. As maneiras e o donaire com que é dançado, lhe dão certas características próprias, embora se possa reconhecer na música cadenciada pelo tambor grande e no estilo da dança, um ritmo primitivo. (SILVA, 1981, p. 70).

Em relação ao ritmo, “Parece-nos que o Retumbão é o próprio lundum, que nos ficou com aquele nome, insulado neste grupo, em Bragança, sem ter sofrido as influências da civilização, que o modificou progressivamente da senzala ao salão aristocrático” (SILVA, 1981, p. 69).

Entretanto, Brandão da Silva (1997, p. 218) faz uma observação a esse respeito e diz:

O fato que identifica o Retumbão com o lundu, precisa ser esclarecido sob pena de continuar a incorrer no erro de atribuir ao lundu, e no caso à Marujada, como sendo criações originais de negros, baseados que seriam em formas originalmente africanas. Isso permite evitar cair em contradição com a posição assumida anteriormente, que vê tanto um como outro ritual inseridos dentro de uma “estrutura ritual ibérica” (1997, p. 218).

No lundum, um só par dança. A dança é mais sensual, com lubreios dos casais, com requebrados de quadril, com batidas de mão e volteios em roda. Já o Retumbão é executado por dois casais, no entanto o compasso não é marcado por palmas. A sequência coreográfica e os movimentos corporais obedecem às seguintes regras: para o início de sua execução os homens vão sozinhos dançar no salão, em volteios ligeiros ora girando para um lado, ora para outro, num total de quatro compassos, estalando fortemente castanholas que ficam localizadas

7 Gênero feminino da autoridade máxima da marujada.

8 Gênero feminino do membro da marujada que acompanha a capitoa.



nas mãos. Em seguida saem para convidar as damas com um aceno de mão e um leve gesto com a mão até a cabeça como se fossem tirar o chapéu e batendo fortemente o pé em direção à maruja escolhida.

Dançam sempre de dois a dois, separados e fazendo volteios ora para direita e ora para esquerda. Na dança os dançarinos levantam os braços na altura dos ombros e cruzando-os ora para um lado e ora para outro, havendo neste momento uma inversão de lugares em que as mulheres vão para o lado que estavam os marujos e os marujos vão para o lugar que estavam as marujas. Este movimento sinaliza que está próximo o momento em que há a substituição dos casais. Os que estavam no salão deixam o centro do barracão para que os próximos tomem o espaço da apresentação. Quando se aproxima o casal de Capitão e Capitoa e Vice-Capitão e Vice-Capitoa, isso significa que a apresentação da dança do Retumbão já irá se encerrar, pois, pela hierarquia, as autoridades iniciam e terminam o Retumbão.

Corroboramos o pensamento de Simões (1998, p. 82) quando diz que:

O trabalho com os idosos, em nosso entender, deve focar a conscientização deste ser-idoso-no-mundo. O idoso deve ter certeza que seu corpo ainda pode realizar e participar de muitas atividades e ações que produzam vida é, sem dúvida, a melhor forma de contribuir para a conscientização do fenômeno corporeidade.

É necessário falar de que corpo estamos falando. Perguntamos o que “pode” um corpo velho fazer? Remete-se logo à “potência” quando a resposta é dada com outra pergunta. Será que ainda pode? Percebemos que este corpo aponta possibilidades e vislumbra os movimentos através da dança. Não temos prazo de validade! Se dançamos, é porque existimos.

Entendemos que o corpo é finito, porém muitas coisas que o corpo velho é capaz de fazer através do movimento nos trazem admiração e reflexão. Podemos arriscar em dizer que tudo pode um corpo velho, desde que se permita fazê-lo. Na dança, existem possibilidades, e a pessoa velha, quando motivada, põe-se a dançar.

Quem são os corpos velhos da marujada? São pessoas velhas dançantes que não aposentaram seu corpo na dança. Corpos que envelheceram acompanhando a manifestação e





dançando o Retumbão. Apenas se afastaria um corpo porque ele envelheceu dançando ou seria mais viável acolher o dançarino que tanto contribuiu para a tradição? Acreditamos que eles não têm prazo de validade e a eles seja dada a oportunidade até o momento em que acharem que são capazes.

Ao vermos marujas (os) velhas (os) dançando o Retumbão, eles nos fizeram rever, repensar o construído, permitindo-nos construir novos pensamentos sobre o corpo velho, ainda que esses corpos tenham possibilitado a desconstrução de muitos discursos preconceituosos em relação ao envelhecimento, à velhice e ao sujeito velho. Quando se dança, afirma-se a vida desses sujeitos, o corpo se conecta e se mantém conectado com outros corpos e com o mundo. É possível ressignificar a vida, a cada momento que nós voltamos para ela e nos recordamos o vivido.

Compartilhar o vivido no passado e trazer para o presente possibilita ao idoso compreender antigas experiências e modificar formas atuais de sentir e lidar com o dia a dia. “Lembrar não é reviver, mas refazer. É reflexão, compreensão do agora a partir de outrora”. (BOSI, 1999, p. 20-21).

Tal realidade desponta, assim, outro problema: se o preconceito do corpo velho é latente pela sociedade atual que supervaloriza o corpo jovem, o que dizer do corpo velho que dança? Desconfiamos que há um grande estranhamento em ver o corpo velho se movimentando com liberdade, afinal, acredito que não há idade para começar a dançar ou para terminar de dançar.

De acordo com Tavares (2005, p. 93), “existem indícios de que o homem dança desde os tempos mais remotos. Todos os povos, em todas as épocas e lugares dançaram. Dançaram para expressar revolta ou amor, reverenciar ou afastar deuses, mostrar força ou arrependimento, rezar, conquistar, distrair, enfim, viver!”.

De acordo com Verderi (2009, p. 5),

A dança sempre esteve presente na vida do ser humano, como várias formas de expressão, “O homem primitivo dançava por inúmeros significados: caça, colheita, alegria, tristeza. O homem dançava para tudo que tinha significado,





sempre em forma de ritual. Supõe-se que se desde os primórdios a dança esteve presente, ela acompanha o desenvolvimento do homem no decorrer do tempo.

Marques (1999, p. 54) fala que “A dança e a sociedade estão sempre imbricadas. Não há como falar da dança sem percorrer a grandeza de sua trajetória ao longo dos anos, nem deixar de falar do homem, da sua corporeidade e necessidades”.

Oliveira (2001, p. 14) menciona que,

Uma das atividades físicas mais significativas para o homem antigo foi a dança. Utilizada como forma de exibir suas qualidades físicas e de expressar os seus sentimentos, era praticada por todos os povos, desde o paleolítico superior (60.000 a. C.).

De acordo com o autor, a dança tinha tanto características lúdicas como ritualísticas, em que havia manifestações de alegria pela caça e pesca ou dramatizações pelos nascimentos e funerais.

Para Stokoe (1987, p. 57) “[...] a dança faz parte da história do mundo e do homem. Fala das lutas, descobertas, alegrias e tristezas das inúmeras formas de relação do homem mundo e homem-homem. Todo um processo construído através dos tempos”.

Mendes (1987, p. 88) afirma que “[...] antes mesmo de procurar se expressar ou comunicar-se através da palavra articulada, o homem criou, com o próprio corpo rítmicos de movimento [...] que são um meio de expressão privilegiada”.

De acordo com Bertoni (1992, p. 17) “[...] no início que se refere à dança, mesmo entre os povos primitivos encontrar esta atividade exercendo um papel educacional, de modo que sua prática visasse possibilitar uma diversidade de experiências de movimentos”.

Nesse sentido, corroboramos a percepção de Lima (2008, p. 4) quando nos chama atenção às possibilidades do corpo velho e leva-nos a refletir sobre essas questões,

Entendo que o corpo mais velho na dança é um corpo comunicativo, aberto a mudanças, e que os olhares para essa dança em um corpo mais maduro, um corpo real, devam ser olhares abertos a novos encontros. Os encontros com a vida não possuem prazos de validade, há alguns que duram para sempre. O





encontro da dança em um corpo com mais de 40 anos é o encontro da dança em sua mais pura essência, sem supérfluos ou virtuosos.

Entendemos também que quando a autora se refere a um corpo com mais de 40, é pertinente reforçar que estudos mostram que hoje é possível ter esse encontro do seu corpo na dança aos 60, 70, 80 ou 90 anos de idade, quando assim já são consideradas pessoas idosas. O lugar do corpo velho na dança é o lugar onde quer estar. Quanto mais velha (o), maiores são as limitações que surgem com o passar dos anos, desta forma, a dança tem surgido como instrumento potencializador para melhorar a qualidade de vida em pessoas idosas.

Sobre o papel que a dança exerce na sociedade e na vida das pessoas idosas Silva; Mazo, (2007, p. 26) reforçam que “Ela pode exercer vários papéis na sociedade: válvula de escape social segura, agente de controle social, iluminadora espiritual, transmissora de valores e heranças, educadora, definidora de divisas territoriais e sociais e guardiã de rituais”. Vejo marujas e marujos como guardiões da marujada, guardiões da cultura bragantina. Através dela, repassam o conhecimento para outras gerações, perpetuando assim a tradição de mais de dois séculos.

Nos últimos anos percebe-se a grande procura por parte de pessoas idosas em atividades que ofereçam a prática da dança. A dança é muito bem aceita por eles. Muitas dessas pessoas, não tiveram a oportunidade de vivenciá-la em várias etapas de sua vida, e acabam experimentando esse prazer apenas na velhice.

Silva e Mazo (2007, p. 30), abordam os diversos benefícios, bem como diferentes espaços os quais a dança pode ser vivenciada nesta fase da vida,

Em se tratando de pessoas idosas, a vivência de dança pode ocorrer em diversos espaços como clubes, igrejas, domicílios, centro de eventos e outros, de forma espontânea e ou coreografada. A dança é uma atividade física bem aceita pelos idosos, pois favorece os relacionamentos, as recordações pessoais, apresenta uma grande riqueza de gestos e movimentos, contribui para a expressividade e criatividade, além de trazer benefícios para a saúde.

Envelhecer e ocupar um lugar socialmente reconhecido no mundo constituem experiências atravessadas pelas condições históricas, culturais e sociais de cada contexto. No



entanto, esse lugar não é dado de forma natural ou garantido pela própria passagem do tempo; ele é continuamente construído e reivindicado nas relações cotidianas, nas práticas de participação social e nas formas de reconhecimento da pessoa idosa. Nesse sentido, o empoderamento assume papel fundamental, não como uma condição previamente estabelecida, mas como um processo que se constrói por meio da autonomia, da participação e da capacidade de reivindicar direitos e reconhecimento. Assim, viver a velhice com dignidade implica também criar e sustentar condições sociais que permitam à pessoa idosa permanecer como sujeito de sua própria trajetória, preservando sua voz, sua autonomia e seu lugar na vida coletiva.

Reforçamos o pensamento do bailarino Antônio Galdes quando diz “Todos têm o direito de dançar: gordos, altos, baixos, velhos... a dança é um patrimônio de todos, não só dos que têm corpos maravilhosos”. Nas discussões que envolvem a área da gerontologia é possível perceber que a sociedade contemporânea tem dificuldade em lidar com o envelhecimento; na maioria das vezes, a discriminação e o preconceito fazem com que pessoas idosas, não se permitam vivenciar sua velhice de forma plena, expressiva e prazerosa.

É notório que grande parte das pessoas idosas, em geral, demonstram ter vergonha de seu corpo e timidez para colocá-lo em movimento; muitos chegam a experimentar a dança após um longo caminho de esquecimento e desencontros com seu próprio corpo, com uma história de sedentarismo, com posturas que os distanciam cada vez mais da flexibilidade natural, com tensões relacionadas à saúde mental, preconceitos e medos enormes de se mostrar naturalmente as potencialidades e possibilidades que seu corpo traz. Descobrir a dança, por vezes, é algo novo, porém a história da dança revela-nos que já se dança desde os primórdios.

Tavares (2005) assinala que existem indícios de que o homem dança desde os tempos mais remotos. Todos os povos, em todas as épocas e lugares dançaram. Dançaram para expressar revolta ou amor, reverenciar ou afastar deuses, mostrar força ou arrependimento, rezar, conquistar, distrair, enfim, viver. (2005, p. 93).





São inúmeros os motivos que levam um indivíduo a experimentar a dança, entretanto a dança pode ter sido vivenciada e permitida como um ato natural da cultura familiar, repassada por gerações e com liberdade para se expressar durante as fases da vida da infância a velhice. Além disso, “Sempre foi uma das coisas minhas principais é a dança. Desde criança, na juventude, casei, não perdi, tô viúva agora (RISOS), eu nunca perdi, não vou perder só quando morrer adoro a dança”. (MARUJA ARTESÃ, 70 anos).

Leal e Haas (2006), identificam seis funções importantes na dança. São elas: autoexpressão, comunicação, diversão e prazer, espiritualidade, identificação cultural, ruptura e revitalização da sociedade. Segundo esses autores, a dança tem ainda um caráter sociabilizador e motivador. Ao vivenciar e perceber a autoexpressão, a pessoa idosa consegue também perceber sua consciência corporal aliada aos benefícios da musicalidade. Portanto, acredita-se que a dança é capaz de produzir mudança nas pessoas. Através do movimento, a dança pode possibilitar a pessoa a se conhecer melhor, a entrar em contato com partes profundas de si mesma, com sentimentos muitas vezes difíceis de serem expressos verbalmente, e a explorar novas formas de ser e de sentir.

Desta forma inicia-se, na etapa da velhice, uma modificação do ser de forma fluída, que passa a se escutar sem julgamentos. A dança pode, assim, contribuir para a qualidade de vida e para um melhor envelhecer. Como é observado na fala do marujo a seguir,

[...] porque é o momento único para quem tá naquele momento realmente dançando, eu considero assim, na hora que nós estamos dançando, na hora que eu tô dançando ali, parece que não tem ninguém me observando, eu fico tão envolvido com a dança que naquele momento ali, é como se fosse um momento único, como se não existisse ninguém ali me observando e eu tô muito à vontade, tô concentrado naquilo que estou fazendo e aqui e acolá, passa aqueles relâmpago na vida da gente, na mente da gente de momentos vividos ali dentro né, porque é muita história muita coisa eu acredito que sim, acredito que eu tenho outras pessoas também né que possa acontecer assim. (MARUJO TRADIÇÃO, 65 anos).





Dançar e expressar-se livremente por sentir prazer em dançar, essa é a sensação que a maioria das pessoas velhas da Irmandade sentem quando estão se apresentando na marujada. Como podemos ver,

Quando eu tô com a minha velha, eu puxo ela para dentro do forró e nós cai pra dentro do forró. Não tem jeito não. (risos), porque lá na nossa dança (se referindo a Marujada) lá ninguém escolhe a cara não! Nós dançamos com novos, dançamos com senhoras de idade e dançamos com mocinhas novas. (MARUJO LADAÍNHA, 64 anos).

Dançar com o objetivo de louvar ou agradecer ao santo preto. A espiritualidade pode ser percebida, “A Marujada e as danças é uma coisa muito importante pra gente, porque faz muitos anos que eu danço na Marujada e eu tenho muita fé em São Benedito (MARUJO DANÇA, 80 anos)”. Além disso, a partir do momento que se tem a consciência de suas limitações é possível se redescobrir nas suas potencialidades “[...] eu fiquei três anos lá olhando, olhando, observando e quando eu desci daquele banco para salão (risos) já foi pra dançar. Tudo isso me marcou muito (MARUJO TRADIÇÃO, 65 anos)”.

Falar sobre a questão do processo de aprendizagem inclusivo pelos sentidos, ver, aprender e depois experimentar. A grande maioria das velhas e velhos marujos passaram por esse processo até a autorização das autoridades no sentido de estar apto a participar. Outro momento considerado muito importante de preparação para a festa são os ensaios, que são organizados nos dias que antecedem o dia 25 de dezembro. Durante os ensaios é percebida uma grande troca intergeracional, pois nessa hora, os mais velhos ensinam os mais novos que nunca participaram ou até mesmo os que não se sentem seguros por terem pouca experiência. Em relação a essa questão, nota-se, na fala dos marujos, a importância de começar observando, para, assim, ganhar experiência e participar de fato das apresentações,

Foi assim, eu comecei porque sempre tive a vontade de participar, eu morava no interior e vim pra cá para Bragança com 42 anos, eu trabalhava na lavoura e aqui comecei a trabalhar como marreteiro. A Marujada saía e eu só olhava e não dançava, até que um dia eu falei assim: quer saber, eu vou entrar na Marujada e comecei com aquela vontade mesmo. E danço por muitos anos. (MARUJO DANÇA, 80 anos).





Dançar por motivação, por se sentir pertencente e incluído através da dança, por respirar cultura. Certamente,

[...] a festa, ela mexe com todos nós né. Você vê que eu me emociono, porque já é uma parte de mim, eu danço a 52 anos, a gente sente aquela falta. Eu disse para minha esposa que eu nunca passei um ano, com uma virada de ano fora de Bragança por conta da Marujada. (MARUJO TRADIÇÃO, 65 anos).

Percebe-se na fala de nossas interlocutoras, o preconceito, discriminação e etarismo por parte de jovens e até mesmo de alguns marujos idosos. Assim como,

Quando é no tempo da festa, agora juntou um monte de mocinha de rapazinho essas coisas e aí eles escolhem. Aqueles pequeno, rapaz, chamam as moças para dançar e as idosas fica tudo ao redor lá e não chamam nós pra dançar e aí de vez em quando nós se mete por lá, mulher com mulher né, e vamos dançar, mais de coisa é isso. As idosas ficam lá sentadas, encostadas. (MARUJA DANÇARINA. 74 anos).

Diante desta fala, existe algo de contraditório em relação ao posicionamento das autoridades da festa diante desta questão reveladas durante a entrevista. Para as autoridades que são pessoas idosas, o fato das idosas ficarem sentadas, significa que estão cansadas e que durante as apresentações, elas não dançam porque não querem. Durante as apresentações, existe uma dança de ritual de circularidade, que inicia e finaliza todas as apresentações e denominada Roda, em que apenas as mulheres dançam, além do mais não dançam em par, ou seja, não é necessária a participação dos homens. Nesta hora, vemos uma grande participação das mulheres velhas no salão.

Quando se trata de danças onde é necessário um acompanhante, as mulheres velhas, que não estão acompanhadas, sentam-se e muitas vezes a única oportunidade de voltar a dançar é justamente na última dança que finaliza a apresentação, justamente a Roda. Neste ponto, gostaríamos de chamar atenção para o fato de que para muitas marujas idosas, existe uma espécie de seleção por parte dos homens novos e velhos em relação a escolha de seus pares na ocasião. Talvez preferir dançar com as mais novas do que com as mais velhas pode significar não estar sendo filmado, fotografado, espetacularizado. Mesmo assim, isto não





chega a ser um empecilho para que as pessoas idosas vivenciem esse momento, como é relatado por uma maruja,

Aí enche minha irmã, enche aquele barracão de marujo e eles vão dançar só com as jovens e as velhas vão ficando né, aí as idosas mesmo tá difícil né. Quem dança mais, é o Capitão com a mulher, a vice capitoa com a marido e outras e outras que tem o marido. As que não tem os companheiros vão ficando, ficam lá beirando. E assim mesmo que é as coisas. Mas, mesmo assim eu acho bom! (MARUJA DANÇARINA. 74 anos).

Neste ponto, acrescentamos ainda que parte das velhas marujas não se intimida diante das situações de evitação e, ao contrário, posiciona-se ativamente no ritual, convidando outras mulheres para dançar. Essa atitude pode ser compreendida como uma expressão de sororidade, na medida em que produz, entre as mulheres, uma rede de apoio, reciprocidade e reconhecimento, especialmente diante de situações que podem limitar sua participação na dança. A ausência de uma regra formal na Irmandade que determine que os pares sejam necessariamente constituídos por pessoas de sexos opostos amplia as possibilidades de participação e permite que as próprias marujas estabeleçam suas formas de interação no interior do ritual. Assim, quando uma mulher idosa convida outra mulher para dançar, rompe-se, ainda que momentaneamente, com expectativas sociais e culturais que podem associar a dança ritual à formação de pares heterossexuais. Como podemos ver na fala da entrevistada Maruja Indumentária,

Olha, geralmente os novos não querem dançar com as idosas né, é difícil porque tem muita jovem, agora tem muita jovem, elas já querem dançar diferente, elas já querem se aparecer. As danças de antigamente era uma dança direita né, na época da minha avó ela dançava o Retumbão que parece é como se ela flutuando no salão e hoje esses jovens não querem saber, mas eu não quero nem saber, eu meto a cara assim mesmo e vou pro salão, ainda mais o Retumbão. (MARUJA INDUMENTÁRIA, 77 anos).

Nesta outra fala existe um outro pensamento que diverge dos anteriores, no qual a entrevistada acredita que nas danças da Marujada, durante as apresentações, as pessoas idosas têm a oportunidade que encontram em outros espaços que não sejam o da Marujada. Bem como,





A pessoa idosa dentro da Marujada é uma pessoa muito importante, ela dança, porque se tu chegar numa festa que não é da Marujada, Tu chegas e ficas ali, tu não dança, ninguém liga pra ti. Já na Marujada, logo na entrada tu já tem a roda que tu vais dançar todas as dançam, vem o xote, todas danço né, todas as músicas de todas as idosas dança, então a gente se sente uma pessoa importante né, então é onde as idosas se divertem. (MARUJA AUTORIDADE, 63 anos).

No entanto, por acreditarem na importância de manter a tradição, as (os) marujas (os) idosas (os), acabam também sendo preconceituosas quando escolhem seus parceiros (as) para dançar e acabam não tendo “paciência” para repassar o que sabem para os mais jovens. Ademais,

[...] Amor, para se dançar é preciso escolher de dedo, não é todos e nem todas que sabe. É como eu falei no princípio, hoje o jovem não dança, pula. O caso de nós dançar pulado, nós apanhávamos de varada nas pernas, é que minha mãe, dava varada nas nossas pernas, aquela varinha de foguete, olha, tu veio pra cá foi pra ti dançar e não pra tá pulando, três varada. (MARUJA COMITIVAS, 62 anos).

Sendo assim, ensinar aos mais jovens as danças da Marujada poderá ser um caminho para que seja mantida a tradição que tanto prezam. A função das marujas mais antigas que não fazem parte da hierarquia, mas que se dispõem a ensinar e cuidar desses ensinamentos com responsabilidade, é fundamental. Existe um autorreconhecimento de sua função que podemos chamar de guardião da tradição. É possível observar na fala dos interlocutores,

No caso, eu posso puxar a nova para dançar comigo, porque eu sou mais de idade. Tem também aquele diálogo de dentro e o Careca me passa, você vai fazer a abertura ou então você vai dançar depois que a capitoa e a vice capitoa sair, você vai com a cabeça de linha e depois você pode pegar qualquer uma que queira aprender. (MARUJA COMITIVAS, 62 anos).

Aí quando chega no barracãozinho, a capitoa faz assim, ela pega uma maruja que sabe dançar e uma que não sabe dançar e diz:

Você vai pegar essa maruja aqui para ensinar ela, porque ensaio é pra isso, é para pessoas que não sabe dançar, para aprender você também já passou por isso, não sabia dançar mais aprendeu, então aquelas que não sabe dançar, elas fica olhando, para que elas vão aprendendo e aí você vai dançar com as



peessoas que não sabem que é para ensinar. (MARUJA IRMANDADE 69 anos).

Se há ideia de que determinadas pessoas idosas não têm habilidade para estar incluídas em todo o processo que envolve as apresentações das danças, pode também existir um sentimento de incapacidade caso não percebam suas limitações no processo de aprendizagem. Pois,

[...] se você não souber todas, você não tem participação direta, porque tem muitas Marujas que elas compartilham da missa, da procissão, então elas ficam muito mais na parte da igreja né, do que na dança né, porque elas não dão mais conta e não faz mais aquele empenho. (MARUJA ARTESÃ, 70 anos, grifo nosso)

Fazemos aqui uma reflexão, da fala de uma mulher idosa sobre a fala de outras mulheres idosas “porque elas não dão mais conta” Neste sentido, não seria mais prudente substituir por: não são escutadas, olhadas, percebidas ou estimuladas? Nota-se, nesta fala, além de carregada de preconceito, uma reação comum de invisibilidade à pessoa velha. É sabido, por parte de todos os associados da Irmandade de São Benedito, que nenhuma maruja ou marujo pode recusar um pedido de dança por parte do dançarino podendo até mesmo sofrer punição por parte da Capitoa. A punição vai de uma simples advertência verbal ou até mesmo a sugestão para que se retire do local. Entretanto só existe um motivo pelo qual a maruja ou marujo possa recusar a dança, caso qualquer uma das partes estiver alcoolizada (o). Embora,

Ele até dançava com outra, porque na Marujada a gente não pode enjeitar ninguém, mas ele dizia que só ficava satisfeito quando era comigo, porque eu já sabia dançar. Eu vou continuar minha tradição, mas não vai ser a mesma coisa. (MARUJA IRMANDADE, 69 anos).

Nem sempre se dança por espontaneidade. Existe uma frase popular muito recorrente utilizada pelas pessoas que precisam de uma motivação para se expressar através da dança como “depois de “umas na cabeça” eu danço tudo! A motivação é a bebida alcoólica. Geralmente temos relatos de marujos que fazem dessa prática, uma necessidade para o sentimento de coragem fluir e assim enfrentar um grande público. A fim de,





Olhe, eu vou te dizer uma coisa, quando eu ia pra festa, depois de assim, umas duas cervejas, eu dançava tudo (RISOS), eu nunca encarei uma dança que não soubesse dançar. Era tudo! Era chorado, samba, passado, xote. Tudo isso eu gostava muito do Retumbão. (MARUJO DANÇA, 80 anos).

Surgem no meio desse contexto de festa a ideia também da importância da dança como meio de bem-estar e saúde física e mental. Além do que,

Olha, pra eu ser bem sincero, o que me faz mais feliz é quando eu danço as danças da Marujada, as outras danças complementam porque faz bem para saúde, faz bem pra mente, faz bem para o coração, mais meu foco mesmo é a Marujada. (MARUJO TRADIÇÃO, 65 anos).

2. O corpo velho no Retumbão: a resistência que permanece

Se alguém ensinou a dançar as gerações que hoje mantêm viva essa prática, é possível compreender a dança como um importante espaço de transmissão geracional de saberes, experiências e modos de fazer. Essa transmissão não envolve apenas a aprendizagem dos passos e dos gestos, mas também a circulação de memórias, valores e experiências acumuladas ao longo do tempo. Entretanto, quando essa prática é realizada por corpos envelhecidos, ela também pode ser atravessada por representações e olhares preconceituosos associados à velhice, especialmente aqueles que valorizam a juventude, a aparência física e a beleza corporal como padrões de reconhecimento social.

Ao escolher refletir sobre o corpo envelhecido e sobre as experiências da velhice, percebemos que os conhecimentos previamente construídos sobre esse processo são insuficientes para apreendê-lo em sua complexidade. A velhice não pode ser compreendida apenas a partir de características biológicas ou das marcas visíveis do tempo sobre o corpo, pois é também uma experiência social, cultural e histórica, vivenciada de diferentes maneiras pelos sujeitos. Nesse sentido, torna-se necessário problematizar os preconceitos e estereótipos culturalmente construídos em torno do envelhecimento, reconhecendo que os sentidos atribuídos ao corpo velho são produzidos socialmente e podem ser ressignificados pelas próprias pessoas idosas em suas práticas cotidianas.





Neste contexto, o corpo velho tem muito a revelar através das expressões. Suas memórias gravadas no corpo e na experiência do dançar serão registradas nesse texto. Dançar não apenas para louvar, mas com outras possibilidades além do exercício para o físico, também exercício para a alma, como uma espécie de terapia. Dito isso,

[...] o nosso Retumbão traz é uma terapia não só no momento para mim que tô na idade que eu tô, como pros mais idosos de que. Eu no tempo que eu entrei, eu era bem dizer criança. Hoje, no entanto já estou nessa de idade de 63 anos. Então para mim é uma terapia porque a minha mãe com 104 anos, dançava um Retumbão lindo e maravilhoso que ia buscar mesmo lá mesmo no centro do Barracão. (MARUJA COMITIVAS, 62 anos).

Constatamos também que parte dos mais antigo acreditam que os jovens não se interessam pela tradição, existe uma certa resistência na dança, nas participações em outros rituais. As danças mais ritmadas, são as mais preferidas pelos jovens, o Retumbão por uma dança mais clássica, que exige postura, seriedade e concentração, talvez seja esse o desinteresse. Mas, sobre essa questão, desponta aqui outro problema. Se os velhos não têm jovens para o repasse de conhecimento, ou se eles não se interessam em aprender, ao morrerem, como se dará a perpetuação da tradição? Nesse sentido,

Hoje o jovem não dança mais como era como a antiguidade, nosso Retumbão, tá aqui (aponta para a cama e mostra seu irmão que na oportunidade estava enfermo), para que um pé de Retumbão aqui se encontra hoje aqui numa cama, mas já fez muita gente sorrir, já ensinou muita gente a dançar, já ensinou o rico o pobre o adolescente que hoje o adolescente não procura ir lá junto conosco porquê o motivo o mundo da droga se acha envolvido e ainda diz assim eu vou para lá só tem é velho! Isso é pra velho! Eles não sabem o que eles perdem. (MARUJA COMITIVAS, 62 anos).

No decorrer das entrevistas, as falas nos revelaram uma questão que nos chamou muita atenção, que é o medo dos sujeitos pesquisados em dançar de forma errada especificamente o Retumbão, em alguma fase de sua vida na Marujada. Seja no início de sua entrada na Irmandade ou até mesmo atualmente. Vejamos, então, este medo relatado pela maruja entrevistada,



Eu tinha um nervoso, eu me escondia atrás das outras para não dançar o Retumbão. Aí, quando foi um dia, dia de São Benedito, eu tava despercebida conversando com uma maruja, que eu dei fé, me tiraram, aí eu fiquei gelada mais continuei. E acertei! Depois disso, pronto! (MARUJA IRMANDADE, 69 anos).

Ao acompanhar as apresentações do Retumbão, percebe-se uma grande pressão não só da presidência e das autoridades da festa para que o execute bem, mas com o argumento de que tudo está sendo registrado e divulgado nos meios de comunicação televisiva e redes sociais. Lembramos que há, na Marujada, uma dimensão de espetacularização que se manifesta não apenas na organização das apresentações, mas também na preocupação dos participantes em produzir uma imagem pública de respeito, solenidade e pertencimento à tradição. Não se trata, portanto, de permitir que a manifestação seja apresentada de forma displicente ou desorganizada, uma vez que os modos de vestir, dançar, ocupar o espaço, cumprir as sequências rituais e relacionar-se com o público compõem uma determinada estética da apresentação.

Nesse sentido, os participantes têm consciência de que estão sendo observados e, ao mesmo tempo em que vivenciam o ritual, também o apresentam diante de outros, mobilizando elementos corporais, visuais e simbólicos que reafirmam a identidade da Marujada. A espetacularização, nesse caso, não implica necessariamente a descaracterização da manifestação, mas evidencia a existência de uma dimensão performática por meio da qual a tradição é organizada, mostrada, reconhecida e reafirmada publicamente. Pois,

Eu acho assim: Eles têm medo de entrar e não acertar, errar, eles ficam com aquela vergonha. Na Marujada desde o ensaio é muita gente olhando né aí eles falam que tem aquela vergonha. Já os novo é eles querem aprender ou errando ou não eles querem aprender, eles querem é aprender a dançar o Retumbão, quando ele toca, faz aquela fila enorme porque todo mundo quer dançar o Retumbão. (MARUJA AUTORIDADE, 63 anos).

Outro motivo percebido é a dimensão da exposição das marujas(os) nas apresentações. São inúmeros olhares, de admiração, contentamento, curiosidade, alegria, mas também de





julgamento e avaliação. Portanto, existe uma autocobrança na execução perfeita. Não se é permitido errar. Não é por acaso que,

[...] eu sentia medo de errar né. Porque todo mundo olhando para gente, então eu fazia todo jeito de não olhar para ninguém, porque se eu olhasse eu sabia que ia errar (risos) e eu fazia aquilo mesmo quando era a minha vez de eu ia pegar na beira da saia e baixava a cabeça e ia mesmo, e assim para não olhar para ninguém, mas graças a Deus eu nunca passei esse sufoco, porque é triste né! (MARUJA PROMESSEIRA, 77 anos).

A confiança nos mais velhos persiste. Para muitas marujas e marujos, acredita-se que para ter um aprendizado de qualidade, é necessário se aprender com os mais antigos na tradição. A experiência no que pode se chamar de “saber dançar corretamente” vem deles. Existe uma prática da presidência em sempre direcionar as ditas marujas novatas para bailar e aprender com as marujas antigas.

Sendo assim, eu sempre digo assim quando você for fazer parte da Marujada você tem que aprender dançar o Retumbão, o Retumbão e o chorado⁹. São coisas que você tem que aprender, você sempre tem que ter o cuidado. Eu sempre tenho cuidado de pegar uma maruja já antiga uma maruja nova para aprender. (MARUJO “O CHAMADO”, 68 anos).

É possível observar a reflexão feita na fala de uma pessoa idosa que se sente apta a ensinar e disposta fisicamente capaz, mas percebe o fato de não procura pelas mais experientes, pois procuram as marujas mais novas, conforme a fala a seguir,

É porque aqueles novatos não procuram as pessoas de idade para dançar, só querem procurara as novinhas, só que tem muitas pessoas de idade que reclamam porque ficam só lá no banco triste, o tempo todo sentada né, porque não vão tirar elas para dançar, porque elas chegam lá e ficam lá sentadas até a hora de sair, sem as vezes dançar nem se quer uma música, então elas se sentem triste né, não são enxergadas pelos rapazes, tem uns que tiram as pessoas de idade para dançar, porque elas dançam bem né, mas tem muitos que não. (MARUJA IRMANDADE, 69 anos).

Compreendo que a Marujada não seria nada, hoje, se ela não fosse também uma transmissão geracional. Se não morremos ainda jovens, nós vamos envelhecer, por isso a

⁹ O chorado é uma dança de matriz afro-brasileira, considerada uma variação do retumbão, caracterizada por um andamento musical mais lento e por uma melodia de caráter mais melancólico.





necessidade de transmitir os rituais dessa grandiosa manifestação cultural. Alguém ensinou a dançar o povo de hoje. A festa de São Benedito é predominantemente uma festa feminina. Boa parte das mulheres velhas que ali estão vestidas de maruja, são as fazedoras de roupas, feirantes, agricultoras, as lavadeiras, vendedoras ambulantes, as mingauzeiras, as donas de casa, as domésticas. Porém, no momento daquela festa elas são as “Rainhas de Bragança”, nomenclatura essa sempre presente na fala do historiador Dário Benedito¹⁰9 Muitos não consegue reverenciar a Capitoa como autoridade máxima da maruja, quando ela não está com seu traje de maruja. O reconhecimento em relação a tudo que já foi construído, as histórias precisam ser contadas, os rituais precisam ser transmitidos, a tradição precisa ser repassada de geração em geração. O passado não se acabou, o passado e o presente estão conectados pelo tempo, pelas experiências e pela memória. O homem velho e a mulher velha viu mais.

Segundo Sarquis (2018, p. 86), o reconhecimento da manifestação cultural Festividade de São Benedito como parte indissociável da história do município de Bragança e da zona Bragantina, suscita questões como pertencimento, identidade, memória e afetividade, tanto como parte da igreja católica, como do visitante da cidade que participa do evento. E nessa miríade de termos, que por si só traz muito sobre as festividades e rituais, e ainda assim pode não traduzir toda a dimensão do sentimento e da devoção rendidos ao santo afrodescendente pelo povo católico bragantino, destacamos que é preciso se deixar envolver pelos ritos desta festa, pela personagem e suas danças, pela musicalidade e ao santo preto.

Concordamos com o autor quando diz que não é possível traduzir a dimensão da devoção e dos rituais vividos e repassados a cada geração. Podemos dizer que não se pode contar como acontece a Marujada, é necessário vivê-la para só assim entendê-la. Na fala de nossos interlocutores é possível compreender a importância de se manter a tradição cultural de um povo, assim como o repasse dessa tradição. Outrossim, [...] nós estamos repassando

10 Dário Benedito Rodrigues Nonato da Silva é historiador, professor e pesquisador natural de Bragança, no Estado do Pará. É graduado em História, nas modalidades Licenciatura e Bacharelado, pela Universidade Federal do Pará (UFPA); possui mestrado em História pela mesma instituição, e doutorado em História, também pela UFPA. Atualmente, é professor efetivo da Faculdade de História do Campus Universitário de Bragança da Universidade Federal do Pará.





justamente toda a tradição. Tem muitas crianças que já estão aprendendo já estão dançando justamente que é para gente passar os cargos. (MARUJA DANÇARINA, 74 anos).

É de geração em geração. Aqui em casa muitos não ficaram, mas eu tenho um neto, e ele já acompanha a gente, e ele sabe, ele vai de sandália até a igreja, na igreja quando chegar lá ele tira a sandália e bota numa sacola. As vezes o pai dele diz: meu filho vai doer o teu pé! Ele diz: não! Marujo é descalço! ele mesmo diz isso, então a criança vai se criando já naquilo. (MARUJA AUTORIDADE, 63 anos).

Kamkhagi (2007, p. 7) diz que o sujeito deseja nesse momento da vida, em que há mais tempo livre, transmitir seu conhecimento e sua sabedoria às outras pessoas, para ter a consciência de que algo dele permaneceu no mundo. O orgulho no conhecimento repassado com possibilidade de transmissão de um legado deixado é revelado na fala do interlocutor ao se expressar. Portanto,

O meu pai foi 41 anos presidente da tradição dessa Marujada. Nós somos 7 irmãos eu tive aí eu tive o privilégio de ser assim, de acompanhar, gostar, porque é assim, se você não gostar de uma coisa, não adianta você querer insistir que não vai dar certo. E eu não, meus irmãos eles iam participavam, mas não gostavam né, daquela tradição de acompanhar ele quando ele ia para uma por exemplo com uma ladainha, ele me convidava, então eu gostava daquilo, então eu participava e fui me criando dentro da Marujada né. (MARUJO “O CHAMADO”, 68 anos).

Para Freire (1989, p. 42), uma cultura é uma expressão da visão de mundo fazer homem, de como este o compreende e como ele se percebe como sujeito neste mundo. Neste conceito de autonomia e liberdade enquanto ser e estar sem fazer sujeito consciente é que Freire fala: “Cultura é o tambor que soa pela noite adentro. Cultura é o ritmo de fazer tambor. Cultura é o gingar dos corpos fazem Povo ao ritmo dos tambores”. Neste ritmo, pulsando em movimentos, a cultura vai se construindo, pois, Todos os povos têm cultura, porque trabalham, porque transformam o mundo e, ao transformá-lo, se transformam. Uma dança do Povo é cultura. Uma música fazer Povo é cultura, como cultura é também a forma como o Povo cultiva a terra. Cultura é também uma maneira que o Povo tem de andar, de sorrir, de falar, de cantar, enquanto trabalha. (FREIRE, 1989, p. 42).





2.1 Identidade e memória de marujas e marujos que envelheceram

O sujeito deve valorizar a si mesmo e obter o reconhecimento do grupo social. A identidade se consolida na percepção que tem o sujeito de seu poder sobre si, sobre os outros e sobre os acontecimentos. Logo, o sentimento de ser rejeitado, desvalorizado pelo grupo social pode atingir a imagem de si, em resumo, a identidade pessoal. Tudo se passa como se fossem as duas faces da mesma moeda: realidade objetiva e realidade subjetiva (Berger e Luckman, 1973). Bem como é possível observar,

[...] antigamente tinha muita idosa na Marujada, agora tem muitos jovens né! Tem aqueles rapazinhos que já não vão tirar as idosas né, mas tem os senhores de idade que vão procurar as idosas para dançar. Olha! Tem uma parte grande de idosas né! Mais, tem muitos jovem agora, as pessoas mais de idade vão parando, vão se acomodando, outros vão falecendo né! Mas eles já vão deixando netos, bisnetos né, que você vê na Marujada aquelas criancinhas. (MARUJA AUTORIDADE, 63 anos).

E o que querem os velhos? Essa pergunta fazemos quase que diariamente. As respostas são surpreendentes. Entre elas estão: queremos ser respeitados, direito de ir e vir, ter autonomia, tomar nossas próprias decisões, fazer o que tenho vontade, ser livre, estar entre amigos, viajar, namorar, estudar, dançar, ser feliz, realizar meus sonhos, entre outras. Sim, eles podem. Sabe-se que é impossível negar as perdas que cada um experimenta com o envelhecimento. Porém, partindo das leituras de Goldenberg (2013, p. 120-121) a autora reforça sobre as limitações vividas na velhice. No entanto, reforça também as possibilidades em enxergar aspectos positivos nesta fase da vida,

[...] são inegáveis os aspectos belos e positivos da última fase das nossas vidas. Não é nada fácil pensar em risadas, bom humor e leveza na velhice. Para muitos, é uma fase de doenças, graves ou não, de problemas financeiros ou crises de relacionamentos. Pode ser uma fase de solidão, de medos de inseguranças, de perdas.

Em relação a todas essas questões,





Olha, por incrível que pareça, eu sou uma pessoa doente, tenho muitos problemas, mas quando chega a festa o meu filho que diz, deixa chegar a Marujada que a senhora vai ficar boa! (risos) porque eu acho assim que da gente gosta muito e São Benedito dá aquela força para gente né (MARUJA AUTORIDADE, 63 anos).

De acordo com as leituras dos estudos de Simões (1998, p. 30) destacamos, A velhice pode ser entendida como um fator individual, onde determinantes do dia a dia e hábitos de vida são fatores extremamente significativos no processo de envelhecimento. Entretanto, essa experiência não se constitui de maneira isolada, uma vez que o envelhecimento também é atravessado por dimensões sociais, culturais e históricas. Desse modo, ser velho não representa apenas uma condição individual, mas uma experiência socialmente construída, cujos significados são produzidos e transformados de acordo com o contexto em que o sujeito está inserido. As formas de compreender, vivenciar e atribuir valor à velhice estão relacionadas às relações sociais, às representações culturais, às condições de gênero, classe, geração e aos espaços de participação ocupados pelas pessoas idosas.

Nesse sentido, a velhice pode ser entendida simultaneamente como uma experiência singular e como uma construção social, na qual indivíduo e sociedade se encontram e se influenciam mutuamente. Neste momento é possível enxergar porque alguns, aos 30 anos, já se sentem “velhos”, sedentários, ou apresentam características de introversão, enquanto outros, aos 80 anos, sentem-se extremamente lúcidos, ativos, felizes, capazes de muita produção. Salientamos que esses indivíduos, embora já idosos, carregam consigo toda a experiência de vida. A afirmação deixa para nós a convicção de que ninguém envelhece igual, nesse sentido,

Eu me sinto forte ainda, me sinto é bem. O meu marido ainda me “ralha” porque eu ainda vou para o sítio, fazer serviço ainda. O meu neto fala: vô! A senhora ainda vai pro sítio uma hora dessa trabalhar? Eu digo: eu vou! Me sinto feliz. (MARUJA DANÇARINA, 74 anos).

Em contrapartida, nesta fala temos uma visão mais negativa da velhice.

Assim, Olha! Eu já tô de idade né, então eu queria ser mais nova, porque queria mais tempo, porque a gente já tá de idade, as vezes a gente adocece, já





não pode mais dançar e tem muitas idosas que adoeceram né, muitos morreram (MARUJA PERTENCIMENTO, 84 anos).

Entendemos que as pessoas idosas são capazes de fazer suas próprias escolhas. Sugerimos então, vivê-las intensamente. Aos que desejam viver essa última fase da vida com suas dores e delícias, sugere-se despir-se de preconceitos. Porém ainda é percebida a negação da velhice e de suas limitações através das falas,

Fora da Marujada eu me sinto diferente, eu não quero me misturar. Dentro da Marujada não. Lá eu me sinto igual a todas, pra começar, todo mundo se veste igual, aquelas roupas não tão coladas no corpo, então dentro da Marujada, eu me sinto igual a todas ali dentro. (MARUJA AUTORIDADE, 63 anos).

É perceptível que existe um entendimento das limitações trazidas pelo processo de envelhecer, porém com percepção de sua potencialidade enquanto corpo velho. Os sujeitos entrevistados já possuem um entendimento sobre o envelhecimento como processo natural. As pessoas idosas que conseguem encarar o medo de envelhecer, passam a vivê-lo como uma nova fase da vida, cheia de desafios que deve ser enfrentada como qualquer outro período de sua existência. Entender as perdas que o envelhecimento traz, assim como perceber que nesse processo existem muitas possibilidades, torna-se crucial para superar os grandes desafios.

Dito isso, dois de nossos entrevistados reconhecem as limitações que um corpo velho apresenta, entendendo seu processo de construção e reconhecimento de seu potencial,

Sim, já sinto um cansaço, no final do dia, final da tarde vamos se sentindo cansada ou então vai dormir 10, 11 horas da noite eu já sinto cansaço né misturado com doenças que vem né aí a gente vai se sentindo cansada, mas assim, se eu entro de manhã eu não quero vir em casa eu quero, ficar então eu vou ficar aqui até a meia-noite quando terminar. (MARUJA AUTORIDADE, 63 anos).

A autoestima é consideravelmente muito presente nesse corpo velho que dança que se enfeita. Nas falas da entrevistada é possível notar,

As marujas mais idosas, mesmo assim elas gostam de passar seu batom, as idosas também são vaidosas como você é acostumada a ver, aí você pode ver





que quando elas chegam de manhã mesmo elas chegam todas impecáveis, com a maquiagem, todas arrumadas. Só que quando dá meio-dia pra tarde elas já estão né (risos) as idosas, aí elas não saem, aí elas ficam né, mas elas gostam de chegar todas impecáveis (MARUJA AUTORIDADE, 63 anos).

Corroboramos o pensamento de Neri, quando diz que:

De uma forma bem simplificada, auto-estimar-se significa gostar de nós mesmos, nos apreciarmos de modo genuíno e realista. Não se trata, portanto, de um excesso de valorização de nossa própria pessoa, de arrogância ou egocentrismo. Gostamos daquilo de que realmente somos, aceitando nossas habilidades e também nossas limitações. (NERI, 2000, p. 33-34).

Entretanto, algumas marujas recriminam as demais que se “sentem livres” para ousar dentro das possibilidades do que é tradicional, notando-se certa resistência à forma como o outro se apresenta,

Agora não, mas eu era muito vaidosa. Algumas vão conforme podem ir né, mais uma querendo ir mais linda, outras já vão muito desconforme né! (MARUJA INDUMENTÁRIA, 74 anos).

CONCLUSÃO

Foi comum, durante a pesquisa, ouvir por quase unanimidade durante e após as entrevistas, a seguinte frase: “Enquanto vida eu tiver irei louvar agradecendo a São Benedito”. Por ora, os resultados estão sendo mostrados nesse trabalho e conseguimos identificar como memórias que constroem as identidades de pessoas velhas no Retumbão. Durante esse processo de educação para ouvir respeitosamente, pudemos perceber que as pessoas velhas devem ser vistas como sujeitos capazes de construir sua própria história, acumulando vivências e experiências das várias etapas da vida.

Quando se decide pesquisar um grupo de pessoas velhas dançantes e com realidades muito próprias que tiveram ou não oportunidades, graus de escolaridades, educação e religiões diferentes e uma percepção preconceituosa da sociedade carregada de estigmas do que é ser velho, se torna visível a dificuldade em chegar a uma rápida conclusão. O processo é árduo e, por vezes, trabalhoso.





Os silêncios também são rastros do sentido que se instauram na memória, na história, nas narrativas. Logo, cabe a nós percebê-las e analisá-las. Afinal, os traços silenciosos são marcas significantes nas narrativas do passado, que fixam um acontecimento, por vezes silenciados conscientemente, noutras já se encontram incutidos na memória.

Almejamos que este trabalho possa avançar obstáculos e contribuir para outras pesquisas a respeito do envelhecimento, da velhice, das pessoas velhas e da necessidade de escutá-los com respeito. Ao longo de mais de dois séculos, a participação de pessoas idosas na Marujada constitui um importante marco da memória social bragantina. Reconhecer e dar voz às marujas e aos marujos idosos, é valorizar suas vivências, experiências e saberes, contribuindo para a preservação, a continuidade e a transmissão dessa tradição cultural às novas gerações.

Para concluir, reforço que esta pesquisa pretende contribuir para o diálogo com as vozes de pessoas velhas, marujas e marujos e dar visibilidade ao lugar que ocupam na Marujada. O nosso papel sempre foi o de, através de nossas falas, concepções e leituras, “quebrar esse silêncio”.

REFERÊNCIAS

BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: Lembranças de velhos*. (17ª edição) São Paulo: Companhia das letras. 2003.

BRANDÃO DA SILVA, Dedival. *Os Tambores da Esperança: Um estudo sobre cultura, religião, simbolismo e ritual na festa de São Benedito da cidade de Bragança*. Belém: Falangola, 1997.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. 23ª. ed. São Paulo: Cortez, 1989. Coleção polêmicas do nosso tempo. Vol. 4.

GARAUDY, Roger. *Dançar a vida*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Fronteira, 1989.





GARIBA, Chames Maria. Personal Dance: Uma Proposta Empreendedora. 2002.133f. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) -Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

GARIBA, Chames Maria. Dança escolar: uma linguagem possível na Educação Física. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/>. Revista Digital. Buenos Aires. Año 10. n. 85, jun. de 2005.

GOLDENBERG, Mirian. A bela velhice. 3ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2013.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN). Minha história, minha cultura. Belém: IPHAN-PA, 2018.

KAMKHAGI, Dorli. Psicanálise e velhice: Sobre a clínica do envelhecer. São Paulo: Via Lettera, 1ª edição. 2008.

LABAN, Rudolf. Domínio do movimento. São Paulo: Summus, 1978.

LEAL, Indara Jubin. HASS, Aline Nogueira. O significado da dança na terceira idade. RBCEH – Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano. Passo Fundo. 2006.

LIMA, Marcela dos Santos. O Corpo que dança...Tem prazo de validade? Anais ABRACE, nº 1, v. 9, PPGAC/UFBA 2008.

MARQUES, Izabel. Ensino da dança hoje: Textos e contextos. São Paulo: Cortez. 1999.

MARQUES, Izabel. Dançando na escola. São Paulo: Cortez, 2003.

MENDES, Lúcia Maria. Dançando na escola. Rio de Janeiro: Sprint, 1987.

NANNI, Dionísia. Dança educação, pré-escola a universidade. 2ª ed. Rio de Janeiro: SPRINT, 2003.

NANNI, Dionísia. Dança educação, princípios métodos e técnicas. 2ª ed. Rio de Janeiro: SPRINT, 1998.





NERI, Anita Liberalesso. E por falar em boa velhice. Campinas, SP: Papirus, 2000.

OLIVEIRA, Vitor Marinho de. O que é Educação Física. São Paulo: Brasiliense, 2001. SARQUIS, Gissela Batista. (org.). Festividade de São Benedito e Marujada de Bragança.

SILVA, Armando Bordalo. Contribuição ao Estudo do Folclore Amazônico na Zona Bragantina. Belém: Falangola, 1981.

SILVA, Aline Huber da; MAZO, Giovana. Zarpellon. Dança para idosos: uma alternativa para o exercício físico. Cinergis, v. 8, n. 1, p. 25-32, 2007.

SILVA, Dário Benedito da. Os Tambores da Esperança: Um estudo sobre cultura, religião, simbolismo e ritual na festa de São Benedito da cidade de Bragança. Belém: Falangola, 1997.

SIMÕES, Regina. Corporeidade e Terceira Idade: a marginalização do corpo idoso. 3ª edição. Piracicaba: Editora UNIMEP, 1998.

SIMÕES, Regina. Educação Física e Corporeidade. A Terceira Idade, n. 10, pp. 56–61.

STOKOE, Patrícia; HARF, Ruth. Expressão corporal na pré-escola. São Paulo: Summus, 1987.

TAVARES, Isis Moura. Educação, corpo e arte. Curitiba: IESDE, 2005.

VERDERI, Érica. Dança na escola: uma abordagem pedagógica. São Paulo: Phorte, 2009.

Recebido em: 23/07/2026

Aprovado em: 11/08/2026

Publicado em: 31/08/2026

